

Cia BEMO encena
Don Quixote no
Theatro Municipal



PÁGINA 8

Mitzi Amado em
cena no Teatro
Glauce Rocha



PÁGINA 5

Entrevista com a
cineasta francesa
Sylvia Le Fanu



PÁGINA 4

2º CADERNO

Astro de 84
anos lança uma
autobiografia que
revive os bastidores
da Nova Hollywood

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

De volta às telas brasileiras hoje, como coadjuvante de luxo em “Pacto de Redenção” (“Knox Goes Away”), Al Pacino apoiou Johnny Depp, seu parceiro de cena em “Donnie Brasco” (1997), quando ele buscava apagar o fogo da batalha judicial que enfrentou contra sua ex, atriz Amber Heard, rodando um filme, “Modi - Three days on the Wing of Madness”. A ajuda de Pacino se deu na forma de uma atuação magistral (mais uma das múltiplas com que já deslumbrou as telas) na cinebiografia do artista plástico Amedeo Modigliani (1884-1920) lançada na última terça no Festival de San Sebastián, na Espanha. Exibido fora de competição, o segundo longa de Depp como realizador (“O Bravo”, de 1997, foi o primeiro) traz o eterno Michael Corleone no papel do colecionador Maurice Gangnat. Seu embate com Modigliani (interpretado pelo italiano Riccardo Scamarcio) deixou a maratona cinéfila basca. Ao 84 anos, Pacino não pode prestigiar a première da produção, pois anda ocupado com o lançamento internacional de um livro de memórias, “Sonny Boy”, que a Rocco lança por aqui em outubro.

É uma prosa que adensa sua aversão a futilidades do mercado do entretenimento. Embora parecesse meio doidão quando



Al Pacino em suas próprias palavras

*Astro de 84 anos
volta à cena em
filme dirigido
pelo ator Michael
Keaton*

foi anunciar a vitória de “Oppenheimer”, na festa do Oscar, em março, Pacino é assim mesmo: o circo midiático do cinema nunca fez sua cabeça. É só olhar suas escolhas para entender o quanto ele optou por ser um outsider, fazendo do teatro um refúgio sempre que precisa. Antes de filmar

com Depp, deixou-se dirigir por outro ator de peso, Michael Keaton no já citado “Pacto de Redenção”, no qual interpreta o aliado de um matador de aluguel. Sempre de olho teatro, à caça de peças de Shakespeare ou de Brecht para montar, ele em pela frente os longas “Billy Knight” e

“Na Mão de Dante”. Esses são seus passos para o futuro. Acerca do passado... bom, sobre sua vida pregressa, marcada por títulos como “Um Momento, Uma Vida” (1977), ele tem muito a dizer em seu relato autobiográfico, no qual revive detalhes do movimento cinéfilo ao qual ele emprestou seu talento: a Nova Hollywood. Os dois primeiros capítulos da trilogia “O Poderoso Cehfão” (1972/1974) são marcos dessa onda estética.

Continua na página seguinte

CORREIO CULTURAL

Longa dirigido por Johnny Depp é destaque



Divulgação

Roberta apresentará algumas canções autorais

Roberta Spindel faz show autoral no Blue Note Rio

“Nesse show apresento algumas canções autorais, parcerias minhas com novos e já consagrados compositores. Cantarei também algumas das músicas que gravei com Caetano, Ney, Zeca baleiro. Tem uma surpresa: uma música inédita. Vou partilhar com o público uma composição super recente. Tocar na cidade em que nasci é sem-

pre muito especial pra mim.” Assim Roberta Spindel apresenta Alma Água hoje (26), às 22h30, no Blue Note Rio, em Copacabana. Além da música-tema, canta “Mais uma vez”, que gravou com Suricato, “Eu chamo de coragem”, com Zeca Baleiro, “Sangue Latino”, com Ney Matogrosso, “Perdida em alto mar” e “Queda livre”.

Orquestra I

A Orquestra Petrobras Sinfônica realiza um concerto do seu Quinteto de Metais de forma gratuita no sábado (28), às 20h. A apresentação, que contará com repertório variado de obras brasileiras e populares, e acontece no Leão Etíope do Méier.

Donato, sempre

Produzido a quatro mãos pela cantora/pianista Leila Pinheiro e o cantor e multi-instrumentista Ricardo Bacelar, o álbum Donato (Jasmin Music) chega às plataformas na sexta (27), trazendo novas leituras para obras de João Donato (1934/2023)

Orquestra II

A Orquestra Petrobras Sinfônica vai realizar um concerto de integração com sua Academia Juvenil, composta de jovens entre 15 e 20 anos, no domingo (29), às 11h, na Sala Cecília Meireles, pelo valor de R\$2 (inteira) e R\$1 (meia-entrada).

Arnaldo Brandão

“Noite do Prazer”, “Totalmente Demais”, “O Tempo não Para”, “Rádio Blá”... Estas são apenas algumas das pérolas imortalizadas na extensa galeria de Arnaldo Brandão, que celebra 50 anos de carreira no Dolores Club, na Lapa, sexta (27), às 20h.



Pacino explode nas telas em 1971, um tempo de transformação nos EUA. Caracterizado por uma profusão de rebeldes com causa e com câmera, o cinema americano dos anos 1970 representou uma espécie hemodíalise poética da imagem. Para entendê-la é necessário voltar no tempo. Houve uma vez um verão, o de 1967, no qual o cinema americano engajou-se numa bossa nova para seus padrões, diante de dois filmes “Bonnie & Clyde - Uma Rajada de Balas”, de Arthur Penn, e “A Primeira Noite de um Homem”, de Mike Nichols. Em ambos, dois diretores com experiências em outras mídias (o primeiro vem da TV; o segundo vem do teatro) contextualizaram a juventude dos EUA sob uma ótica alarmista de percepção do cerceamento moral e da violência das instituições, seja pela carece da Família seja no chumbo quente do Estado. Dali para frente, a filmografia do Tio Sam tomou uma curva à esquerda, imbuindo-se do espírito cinemanovista – aquele que pariu Truffaut, embalou Bertolucci, ninou Polanski, pôs Glauber para arrotar – para tirar cascas das feridas nas veias abertas da América profunda.

Naquele momento, uma trupe surgiu com uma proposta de



SSIFF

Al Pacino volta às telas brasileiras hoje em Pacto de Redenção

engajamento social, político, comportamental e estético. Entre eles estavam Francis Ford Coppola (“A Conversação”), Martin Scorsese (“Taxi Driver”), Peter Bogdanovich (“A Última Sessão de Cinema”), Bob Rafelson (“Cada Um Vive Como Quer”), Michael Cimino (“O Franco Atirador”), Bob Fosse (“Cabaret”), Jerry Schatzberg (“O Espantalho”), Hal Ashby (“Muito Além do Jardim”), a esquecida Elaine May (“O Rapaz Que Partia Corações”), George Lucas (“Star Wars – Episódio IV: Uma Nova Esperança”) e um certo Steven (o do “Tubarão” e de “Contatos Imediatos do 3º Grau”)... aquele tal de Spielberg. Ponha ao lado deles ficcionistas mais velhos, como Robert Altman (“M.A.S.H.”), John Cassavetes (“Maridos”), Monte Hellman (“Briga de Galo”), Sidney Lumet (“Serpico”) e o já citado Pollack (“A Noite dos Desesperados”). Embora muitos se esqueçam, foi aí que Woody Allen (“Bananas”) apareceu. Essa patota trouxe para o primeiro plano da tela as varizes éticas que impediam a oxigenação do sangue americano.

Não apenas de ficcionistas viveu este clubinho de talentos, que tomou a ousadia de questionar os cânones de Hollywood. A partir de 1969, um time de documentaristas de peso como Shriley Clarke (“For Life, Against The War”), Peter Davis (“Corações e Mentes”), Michael Wadleigh (“Woodstock”), Arnold Perl (“Malcolm X”), o jovem Taylor Hackford (“Bukowski”) e até o ascendente Martin Scorsese (“ItalianAmerican”) fizeram do real um espaço de meditação e de investigação. Eles levaram para a esfera documental todas as reflexões que os Easy Rider depuraram em road movies, dramas, comédias e thrillers, criando nas franjas da não ficção um bunker para a discussão do papel revolucionário das câmeras na mão.

Pacino se lançou como diretor de longas com uma narrativa de tons documentais, chamada “Ricardo III – Um Ensaio”, lançado em 1996, ano em que o Festival de San Sebastián (onde hoje ele volta a ser aclamado, por Modi), deu a ele um troféu honorário, o prêmio Donostia. Na ocasião, Pedro Almodóvar lhe entregou a honraria, celebrando o espírito da época que o oscarizado protagonista de “Perfume de Mulher” (1992) encarna.



Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã



Atento aos potenciais concorrentes ao Oscar 2025 (caso do brasileiro “Ainda Estou Aqui”, que exibiu na sexta-feira), o Festival de San Sebastián vem promovendo, em sua área dedicada ao mercado de produção e distribuição, uma série de conversas sobre as apostas de Hollywood para sua estatueta dourada, o que trouxe à tona um documentário: “Super/Man: A História de Christopher Reeve”. Previsto para estreitar no Brasil em 17 de outubro, o longa-metragem de Ian Bonhôte e Peter Ettedgui entra em cartaz hoje em telas portuguesas, o que deixa a plateia da maratona espanhola cheia de curiosidade pela cinebiografia do mais famoso intérprete do Homem de Aço. Christopher Reeve (1952–2004) tem seus feitos – como bom intérprete e como ativista de causas humanistas – lembrada nesse ensaio documental comovente. Ao mesmo tempo, seu desempenho como o último filho do planeta Krypton regressa às salas de projeção de todo mundo, inclusive no Brasil.

Coroado com uma bilheteria de US\$ 300 milhões, “Superman, O Filme” (1978) regressa aos complexos exibidores brasileiros hoje, onde permanece até a próxima quarta-feira. O escritor Mario Gianluigi Puzo (1920-1999), autor do romance “O Poderoso Chefão”, trabalhou no roteiro dessa famosa transposição do guardião de Metrópolis para as telas. De março de 1977 a novembro de 1978, o cineasta Richard Donner

Homem de Aço segue inoxidável

Superman, de 1978, regressa às salas de projeção cariocas

Em meio ao lançamento mundial de documentário sobre Christopher Reeve, ‘Superman’, de 1978, regressa ao circuito exibidor, em cópias novas

Schwartzberg torrou um orçamento de US\$ 55 milhões para filmar e finalizar uma adaptação cinematográfica das HQs de Jerry Siegel (1914-1996) e Joe Shuster (1914-1992). Antes dele, Guy Hamilton e Steven Spielberg foram cotados

para assumir a direção. Egresso do sucesso de “A profecia” (1976), Donner rodou “Superman — O Filme” em locações em Nova York, no Arizona, em São Francisco e no Novo México, além de Alberta no Canadá. Usou ainda os estúdios Pinewood e Shepperton, na Inglaterra, para filmar algumas cenas do longa-metragem.

James Caan, Burt Reynolds, Kris Kristofferson e Nick Nolte foram cotados para viver Kal-El, sobrevivente de Krypton que reside na Terra sob a identidade de Clark Kent, um repórter. Após uma série de testes, o papel acabou com Reeve, cuja atuação (irretocável) só é ofuscada pela de Gene Hackman como criminoso Lex Luthor. Na dublagem original, gravada pela Herbert Richers, André Filho emprestava a voz a Reeve. Darcy Pedrosa dublou Hackman.

Em seu oceano de recordações, o .doc “Super/Man: A História de Christopher Reeve” lembra que o histórico do personagem nas telonas e telinhas foi atribulado. Seu

bom-mocismo, ainda estacionado em ditames morais dos anos 1930, e sua indestrutibilidade não mais encontram ressonância em um público hoje acostumado à malícia do Homem de Ferro de Robert Downey Jr. ou ao instinto assassino do Wolverine. Nos EUA, seus quadrinhos caem nas vendas ano a ano. Vendem bem só quando um coadjuvante de luxo (em geral, o Batman) divide quadrinhos com ele, ou quando um quadrinista transgressor repagina seu perfil, como John Byrne na década de 1980 ou como Grant Morrison em “All-Star Superman”, de 2006.

A segunda kryptonita na bota do herói é a maldição que cerca os intérpretes de Kal-El/Clark Kent, a começar pelo mais icônico deles, o já citado Reeve. Nenhum ator teve sua imagem tão atrelada à figura apolínea criada em 1938 por Jerome Jerry Siegel (1914-1996) e Joseph “Joe” Shuster (1914-1992) quanto ele. A assombração em seu caso foi uma via de mão dupla. Confinado a uma cadeira de rodas

após uma lesão cervical em 1995, Reeve jamais estrelou um longa de tanta popularidade e rentabilidade quanto o cult de Donner.

Antes, os atores Kirk Alyn (1910-1999) e George Reeves (1914-1959), que encarnaram o Super-Homem em séries dos anos 1940 e 50, também foram amaldiçoados: o primeiro perdeu a fama e isolou-se; o segundo foi encontrado baleado. Dean Cain, do seriado “Lois & Clark” (1993), também viu seu prestígio popular sumir. Em 2006, “Superman — O retorno” (2006) tentou fazer de Brandon Routh uma celebridade, mas ele caiu no ostracismo.

Henry Cavill, que interpretou o guardião de Metrópolis em “Homem de Aço” (2013), teve melhor sorte e alcançou firmes holofotes. Apesar disso, a nova versão do vigilante deixou-o de lado. David Corenswet será o novo Clark Kent, sob a direção de James Gunn, em aventura que vai estreitar em 2025. Até lá, matamos as saudades do voo de Reeve pelos céus.

ENTREVISTA / SYLVIA LE FANU, CINEASTA

'Tragédias podem acontecer nos dias mais bonitos de verão'



Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Inglesa radicada em Copenhague, Sylvia Le Fanu enxerga no esplendor da natureza, sobretudo a que encontra nas regiões campestres da Escandinávia, uma equivalência espiritual à ideia cristã de Deus tão comum ao povo espanhol, que se tornou a mais apaixonada audiência para o longa-metragem que faz dessa artista britânica o nome de mais impacto da mostra New Directors do Festival de San Sebastián de 2024. "My Eternal Summer" ("Min Evige Sommer") é uma produção dinamarquesa de baixo orçamento, rodada na ilha chamada Langeland, cuja trama fala de finitude. Grávida, Sylvia fala de morte com emoção. "Falar de partidas em terras escandinavas sempre nos leva a Ingmar Bergman", diz a cineasta, em entrevista ao Correio da Manhã.

Em seu roteiro, a adolescente Fanny (Kaya Toft), de 15 anos, ganha uma chance rara de poder se reaproximar de sua mãe, cometida por uma doença terminal, entre mergulhos caminhadas. Esse contato, que poderia ser um calvário para a jovem, rende situações tocantes (repletas de leveza) nas telas. San Sebastián vem aplaudindo Sylvia sessão após sessão. No papo a seguir, ela explica seu olhar sobre a maternidade.

Rodrigo Fonseca: Para um filme eivado despedidas, de perdas, as cores de sua fotografia carregam uma força vívida, sur-

preendendo olhar. Como foi a construção de olhar de "My Eternal Summer"?

Sylvia Le Fanu: A única verdade que sabemos da vida é que tragédias podem acontecer nos dias mais bonitos de verão. Partindo-se dessa certeza, precisava encontrar um contraste da mortalidade com a resiliência. Nas cores, eu encontrei o balanço para um filme leve.

RF: Qual era a perspectiva sobre a solidão que você buscava?

SLF: Às portas da morte, alguém até pode segurar a sua mão e atenuar o processo de partida, mas o desencarnar em si é uma experiência que se faz só. Ninguém sabe o que se passa na cabeça de quem perece. Por conta disso, solidão era uma palavra recorrente em nosso set, ainda que seja um filme de muito silêncio.

RF: Durante a exibição de "My Eternal Summer" em San Sebastián, a crítica e o público citava muito o legado do mítico Eric Rohmer, diretor francês eternizado por "O Raio Verde" e "O Joelho de Claire". O que há de Rohmer na sua mirada?

SLF: Conheci Rohmer por meio dos filmes de uma diretora francesa, Mia Hansen-Love. Na obra dela eu conheci Rohmer e Maurice Pialat, diretores que me provaram uma possibilidade antes considerada inusitada: a hipótese de se fazer um filme na simplicidade absoluta, apenas com pessoas sentadas, falando sobre suas vidas. Aprendi aí a valorizar a força cinematográfica da palavra.



Iglesias Más

Donostia em tempo de Almodóvar

Pedro Almodóvar com Julianne Moore e Tilda Swinton na filmagem de O Quarto Ao Lado

Depois de ser confiado a Javier Bardem e a Cate Blanchett (que citou Clarice Lispector em sua homenagem), o troféu Donostia, prêmio honorário do Festival de San Sebastián, batizado com o nome em basco da cidade, hoje será confiado a um medalhão ibérico da arte de rodar filmes: Pedro Almodóvar. De quebra o diretor de "Volver" (2006) vai exibir por lá "O Quarto Ao Lado" ("The Room Next Door"), seu primei-

ro longa em língua inglesa, contemplado com o Leão de Ouro de Veneza no dia 7 de setembro. Já assegurado pelo Festival do Rio 2024 (agendado de 3 a 13 de outubro), esse melodrama contra com os talentos de Tilda Swinton e Julianne Moore. Trata-se de uma narrativa sobre amigas que se reencontram num cenário de eutanásia. A trama fala de Ingrid (Tilda) e Marta (Julianne), que eram íntimas em sua juventude.

Trabalharam juntas na mesma revista, mas Ingrid se tornou uma romancista de autoficção, enquanto Marta se tornou repórter de guerra, e elas foram separadas pelas circunstâncias da vida. Depois de anos sem contato, elas se reencontram em uma situação extrema, onde tudo em suas rotinas há de mudar. Já se fala em Oscar para Almodóvar e suas estrelas. "É meu primeiro filme em inglês, mas o espírito é espanhol", disse Almodóvar, clamando pelo direito à liberdade em relação à escolha de pessoas que optam por morte assistida. (R.F.)

Peça tem texto e atuação da poeta e ativista dos direitos humanos Mitzi Amado

A dramaturgia de “Memória – No Limiar do Juízo Final” aborda o universo feminino para falar de amor e desamor, solidão, maternidade, envelhecimento e culpa a partir da história de uma mulher que é várias, tão paradoxal quanto complexa e improvável. Presa ao passado e temendo o futuro, se vê atormentada pelos fantasmas da sua mente, que a torturam com lembranças, cobranças e avaliações. Mais do que falar de relações, a peça discute sobre como romper o ciclo de repetição de padrões habituais que se propagam de geração para geração e reflete sobre o relativismo do certo ou errado e a transformação das relações na passagem do tempo.

No centro da cena de “Memória – No Limiar do Juízo Final” está a poeta, atriz, autora e diretora teatral Mitzi Amado, que é também empreendedora social e ativista dos direitos humanos desde os 19 anos. É ela quem nos conta a respeito da obra em questão:

“O solo trata de uma mulher real e possível, apesar de todas as idealizações que marcam a figura feminina através da história da humanidade. É uma perspectiva sobre o ser feminino a partir do ser feminino e também de uma maternidade fora das convenções. São as histórias e dramas existenciais de uma mulher. Todas elas, todas nós, erradas, falhas, imperfeitas e reais, que temem o envelhecimento, a doença, a morte e sentem culpa pelos erros do passado. As angústias dela, conscientes e inconscientes, as faladas e as silenciadas, são também minhas e podem ser a mola propulsora para a liberdade”, revela a autora e atriz Mitzi Amado.

Mitzi revela também que encontrou motivação para o tema



Peça traz uma mulher que descobre a potência da sua existência

“Memória - No Limiar do Juízo Final” no Teatro Glauce Rocha

pelo simples fato de ser mulher em uma “sociedade macha”, diariamente precisando se colocar como mulher detentora de uma miríade de possibilidades de escolhas e não apenas as já arquitetadas, encaixotadas:

“Tenho que me deparar com o olhar julgador e condenador de uma sociedade injusta e patriarcal. Reafirmar a mulher plural tornou-se missão de vida. Os corpos são plurais, as maternidades são plurais, as formas de amar e sofrer são plurais. Comportamentos, desejos, angústias, feminilidades, todos plurais e diversos”, comenta Mitzi.

A encenação se desenvolve, a partir da criação de um ambien-

te simples que remete ao inconsciente de uma mulher, utilizando poucos objetos em cena e muita imaginação. A atmosfera se apoia no claro-escuro da luz, nas projeções de vídeos de diferentes épocas da vida da personagem e na magia de uma trilha sonora original. Os conflitos internos do personagem se sucedem, alternando momentos dramáticos com outros bem humorados ou poéticos, em um ritmo dinâmico e diversificado.

“É a reconstituição da vida de uma mulher a partir de suas relações com a sua mãe, com a sua filha e com seu ex-marido, além da evocação de recordações esparsas

de fatos e pessoas do passado que marcaram a sua trajetória. As memórias surgem em recortes que compõem um mosaico de uma vida em busca de uma identidade, onde os conflitos se sucedem em busca da superação para inaugurar novos ciclos de vida, em um jogo de fragmentos vivos de memória. Este jogo estabelece um processo de auto-julgamento, onde não há verdades e nem mentiras. O que herdou de sua mãe? E o que entregou para sua filha? O que a espera? O que se revela?”, comenta o diretor Delson Antunes.

O impacto artístico da obra é ampliado pela utilização de linguagens artísticas para além do teatro:

a fotografia e a poesia, principalmente. Manifestam-se pela projeção visual e presença física de fotografias originais em P&B do final do século XIX e início do século XX e inserções sonoras de vozes de mulheres diversas declamando poesias fragmentadas, que se integram harmonicamente ao texto da peça. Além disso, especialmente em dois momentos de catarse da personagem, as palavras são substituídas por sequências ou frases de movimentos corporais, que traduzem seu estado emocional para além das palavras, tendo como base de trabalho para esse processo criativo de movimentação corporal, a dança contemporânea.

Concerto aos 110 anos do Forte

Orquestra Forte de Copacabana fará apresentação dia 28, em homenagem à fundação da fortaleza

A Orquestra do Forte de Copacabana, formada por 28 jovens do Rio de Janeiro, em sua maioria moradores de áreas periféricas da cidade, vai promover um concerto gratuito no dia 28 de setembro, a partir das 18h, no Forte de Copacabana, para celebrar os 110 anos do local, um marco da cidade do Rio de Janeiro. E além do seu tradicional repertório que resgata grandes sucessos da MPB, com canções de nomes como Gilberto Gil, Belchior e Milton Nascimento, o grupo também apresen-

tará algumas músicas chinesas. A regência é de Luiz Potter e direção artística de Márcia Melchior.

A Orquestra acaba de retornar da China, onde se apresentou em locais importantes do país, como o Beijing University e a Beijing Technology and Business University. A viagem fez parte de uma série de atividades culturais em comemoração aos 50 anos de amizade diplomática entre Brasil e China, que incluiu também o “Festival 50 Anos Brasil e China”, realizado em agosto no Forte de Copacabana pela CNOOC PE-



Orquestra realizará um concerto especial com o melhor da MPB

TROLEUM BRASIL.

“O concerto será uma emocionante celebração aos 110 anos de nossa casa, o Forte de Copacabana. E a comemoração vai ter um gostinho ainda mais especial, pois

nossos jovens e talentosos instrumentistas acabaram de chegar da China! Foi uma honra vivenciar a rica cultura local e receber os aplausos até mesmo do vice-presidente do país, Han Zheng. Uma experiência inesquecível, temos muitos motivos para celebrar”, diz Márcia Melchior.

SERVIÇO

ORQUESTRA FORTE DE COPACABANA COMEMORA OS 110 ANOS DO FORTE

Data: 28 de setembro, sábado
Horário: 18h | Local: Forte de Copacabana - Praça Cel. Eugênio Franco, 1, Posto 6. | 60 minutos. Grátis. Livre.

Aline Calixto canta Clara Nunes em Copacabana

Show será nesta sexta, 27, no Teatro Brigitte Blair

A cantora Aline Calixto, carioca enraizada em Minas Gerais e destaque na cena contemporânea do samba, virá ao Rio para interpretar sucessos de uma das suas referências sonoras: a mineira Clara Nunes - que, curiosamente, fez o caminho inverso ao seu, e morou no Rio por quase metade de sua curta vida. Na sexta-feira, dia 27 de setembro, às 20h, Aline apresentará o show do álbum “Clara Viva” (Selo Alma

Viva) no Teatro Brigitte Blair, em Copacabana, com ingressos de R\$ 20 a R\$ 40.

“Clara Nunes sempre foi uma referência forte, desde a infância. Eu devia ter uns 6 anos quando tive contato pela primeira vez com a obra dela, assistindo a um show de calouros do Silvio Santos. Recordo de um quadro que trazia artistas drag queens - e eis que surgiu uma drag de Clara Nunes. Fiquei simplesmente estática em frente à televisão, admirando tudo. Depois me lembro de colocar roupa branca, um arquinho na cabeça e imitar”, lembra Aline.

No roteiro estão as 12 músicas



Aline canta as músicas de Clara do jeito dela

do disco, entre elas os hits “Guerreira” (Paulo César Pinheiro e João Nogueira), “Conto de Areia” (Romildo Bastos e Toninho Nascimento), mais “Morena de Angola” (Chico Buarque) e “Nação” (Aldir Blanc, João Bosco e Paulo Emilio), sambas que nunca faltam nas boas

rodas por aí, além das menos conhecidas “Fuzuê” (Romildo Bastos e Toninho Nascimento) e “Afoxé para Logun” (Nei Lopes), por exemplo. Só grandes compositores, como sabemos.

O disco “Clara Viva” foi lançado na efeméride dos 40 anos de

morte da cantora, em 2023. Aline pensou que seria um momento propício para dizer que Clara continua bem viva. “Canto ‘Você Passa eu Acho Graça’, sucesso de Ataulpho Alves e Carlos Imperial, e ‘Feira de Mangaio’, outro sucesso de Sivuca e Glorinha Gadelha, mas o afro-religioso pontua a maior parte do disco. E no show ainda trago mais algumas músicas sobre essa temática”, adianta ela, umbandista há 17 anos.

Aline Calixto volta ao Rio onde, em 2007, no começo da carreira artística, venceu o concurso “Novos Bambas do Velho Samba”, no bar Carioca da Gema, na Lapa. No show a ser realizado via Lei Estadual de Incentivo à Cultura do Governo de Minas Gerais, com patrocínio da GASMIG, a cantora estará acompanhada por Thiago Delegado no violão e na direção musical, Marcela Nunes na flauta e Robson Batata na percussão.

Divulgação

Sexteto de compositores se reúne no Vivo Rio

Espetáculo “A Voz do Compositor” acontecerá na sexta-feira, dia 28, a partir das 21h

Depois de estrear com sucesso além-mar, no belíssimo Coliseu Dos Recreios, em Lisboa (Portugal), o espetáculo “A Voz do Compositor” desembarca em terras brasileiras no próximo dia 28 de setembro, no Vivo Rio.

Um sexteto de craques formado por Moacyr Luz, Gabriel Moura, Pierre Aderne, Pedro Luís, Edu Krieger e Rodrigo Maranhão, se reveza em cena, mostrando as versões dos compositores para canções que ficaram conhecidas nas vozes de grandes intérpretes. Este é o



Moacyr Luz encabeça o grupo

conceito do projeto, cujo repertório alinha composições que fazem parte do cancionário brasileiro dos

últimos 20 anos.

“A Voz do Compositor” é também o encontro de seis composi-

tores que têm muito em comum (incluindo várias parcerias) e muitas histórias para contar sobre suas

obras. Em cena, Moacyr Luz, Gabriel Moura, Pierre Aderne, Pedro Luís, Edu Krieger e Rodrigo Maranhão tocam vários instrumentos – violão, violão 7 cordas, cavaquinho, pandeiro, tamborim, agogôs e caxixis -, formando uma teia rítmica que se junta às suas vozes.

O repertório inclui canções como “Mina Do Condomínio”, primeiro sucesso na voz de Seu Jorge escrita por Pierre Aderne e Gabriel Moura, ou “Burguesinha” e “Amiga da minha mulher” também com a assinatura de Moura; “Medalha De São Jorge”, escrita por Moacyr Luz para Maria Bethânia, ou “Saudades Da Guanabara”, parceria de Moacyr e Aldir Blanc, gravada por Beth Carvalho; “Caminho das Águas”, presente de Rodrigo Maranhão para Maria Rita, que também gravou “Maria Do Socorro” e “Ciranda do mundo”, compostas por Edu Krieger; ou ainda pérolas como “Noite Severina” e “Mão e Luva”, criações de Pedro Luís para Ney Matogrosso e Adriana Calcanhotto, respectivamente.

FERNANDO MOLICA



“Em meio a tantas fake news, o jornalismo ganhou uma importância ainda maior ao fornecer informações corretas e análises que ajudam o leitor a tomar suas decisões.”

Fernando Molica

Carioca, jornalista e escritor, trabalhou em publicações como 'Folha de S.Paulo', 'O Globo', 'O Estado de S.Paulo' e 'Veja' e na TV Globo, CNN e CBN. Recebeu, entre outros, os prêmios Vladimir Herzog e Embratel de jornalismo. Autor de nove livros, entre eles, seis romances, é botafoguense e mangueirense.

No 'Correio da Manhã', Fernando Molica é responsável por duas colunas diárias: um artigo de opinião que trata de cultura e política e o Correio Nacional, que traz em forma de notas curtas, informações exclusivas sobre política, administração pública e universo empresarial.

Correio da Manhã

Correio Petropolitano

Correio Sul Fluminense

“Democracia e liberdade de expressão são o oxigênio do jornalismo. O jornalismo não sobrevive sem elas”

Rudolfo Lago

Formado pela Universidade de Brasília, Rudolfo Lago tem 37 anos de profissão, especialmente na cobertura de política. Responsável por furos como o dos Anões do Orçamento e a série de reportagens que levaram à cassação do ex-senador Luiz Estevão. Vencedor do Prêmio Esso, entre outras premiações.

No Correio Político, o leitor conhecerá os meandros, os bastidores, do poder em Brasília, na Esplanada dos Ministérios. Histórias que ajudarão a entender por que as decisões são tomadas ou não nos três poderes da República.



RUDOLFO LAGO

Danel Ebendinger



Apresentação será com preços populares, que variam de R\$ 8 a R\$ 30

Don Quixote no Theatro Municipal

Danel Ebendinger

Companhia de ballet da Escola Maria Olenewa encena peça de quinta a domingo



A adaptação da obra é um marco do período romântico do ballet

A Cia. Ballet da Escola Maria Olenewa do Theatro Municipal (BEMO-TMRJ), encena um dos mais aclamados títulos do repertório do ballet clássico - Don Quixote -, até 29 de setembro, no Theatro Municipal, com ingressos a preços populares - de R\$ 8,00 a R\$ 30,00 -, além do ciclo de palestras gratuitas com especialistas da dança e masterclasses.

O ballet escolhido pelo diretor da BEMO-TMRJ, o consagrado bailarino e coreógrafo Hélio Bejani, reúne mais de 50 artistas no palco para narrar a história de Don Qui-

xote, o herói sonhador escrito por Miguel de Cervantes, em 1605, texto considerado uma das maiores obras-primas da Literatura mundial. A adaptação da obra literária coreografada por Marius Petipa e Alexander Gorsky é um marco do período romântico do ballet que foi apresentado pela primeira vez em 1869

pelo Balé Bolshoi. O espetáculo tem direção artística de Jorge Teixeira e direção geral de Hélio Bejani. Don Quixote te como solistas: Marcella Borges (Kitri), Tabata Salles (Kitri), Alyson Trindade (Basílio), Rodrigo Hermesmeier (Basílio) e Michael Willian (Basílio) e, como convidados especiais, os bailarinos do

Ballet do Theatro Municipal: Edifranc Alves (Don Quixote), Saulo Finelon (Gamacho) e Rodolfo Saraiva (Sancho Pança).

A história, criada no século XVII, narra a dificuldade de dois jovens que se rebelam para conseguirem viver sua paixão e são ajudados por um herói que luta contra suas próprias angústias enquanto sofre por amor. A genialidade da obra atravessa séculos e, até hoje, traduz juventude e ousadia, encontrando sintonia com os jovens bailarinos da Cia de Ballet da Escola Maria Olenewa do Theatro Municipal (BEMO-TMRJ), companhia criada em 2018 para dar experiência de palco aos alunos e ex-alunos da mais antiga escola de dança clássica do Brasil, a Escola de Dança Maria Olenewa. Desde sua criação, a Cia BEMO também vem fazendo história. Ano após ano, suas apresentações estão sempre lotadas, dando visibilidade para bailarinos das mais diferentes raças e condições sociais, além de trazer um novo público jovem para o ballet.

“Com a Cia. BEMO mantemos nosso propósito de utilizar o ballet como ferramenta para educar, além de apresentarmos a possibilidade real de uma carreira artística para esses jovens arrojados, sonhadores e disciplinados exercerem sua expressão artística. Incentivos como o do Instituto Cultural Vale alavancam muito esse processo” – conclui Hélio Bejani, diretor da EEDMO e da Cia BEMO. Bejani, bailarino consagrado nos palcos brasileiros, é perito em transformar sonhos em realidade. Além da carreira artística e da criação da Cia. BEMO, Bejani coleciona prêmios no Carnaval carioca por suas coreografias de comissão de frente em diversas escolas e, em especial, no Carnaval 2024 pela Grande Rio.

A Escola de Dança Maria Olenewa formou alguns dos primeiros e primeiras bailarinas do Theatro Municipal que ganharam destaque mundial, entre eles: Márcia Jacqueline, Claudia Mota, Juliana Valadão, Nora Esteves, o primeiro bailarino Cícero Gomes, além de tantos outros importantes representantes da dança nacional e internacional: Márcia Haydée, Dennis Gray, Eleonora Olios, Irene Orazem, Aurea Hammerli e a primeira bailarina negra do Municipal, Mercedes Baptista. A escola é gratuita, as inscrições são muito disputadas e os alunos fazem sua formação em ballet clássico durante nove anos de curso.

SERVIÇO

THEATRO MUNICIPAL

26, 27, 28 de setembro às 19h – quinta, sexta e sábado
29 de setembro às 17h - domingo